



**ENCONTRO MEDIADO PELA TECNOLOGIA:  
DESCRIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA**

***Technology mediated meeting: description of an experience***

Durvalina Rodrigues Lima de Paula e Silva

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba;  
Pós-Graduada em Política e Gestão do Cuidado com Ênfase no Apoio Matricial do Centro Formador  
De Recursos Humanos - SES-PB e UFPB; Graduada em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e  
Raça pela UFPB; Graduada em Psicologia pela UNIPÊ, Brasil.

Email: [durvalinalima.pb@gmail.com](mailto:durvalinalima.pb@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 410-417, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

**RESUMO:**

Este trabalho concerne a um relato de experiência sobre as ansiedades, incertezas e alterações metodológicas ocorridas no campo de atuação para o trabalho dissertativo sobre as repercussões do traço falciforme na vida de mulheres em idade reprodutiva em quatro regiões do estado da Paraíba, frente às mudanças impostas pela a situação pandêmica do novo coronavírus. Reflete também sobre como todo esse contexto oportunizou um conhecimento de novas possibilidades no trabalho de campo da antropologia pelo método de comunicação mediado pela tecnologia, já que o isolamento social interrompeu a ida ao campo de forma presencial.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Pandemia. Campo. Tecnologia. Traço Falciforme.

**ABSTRACT:**

This work concerns an experience report on anxieties, uncertainties and methodological changes that occurred in the field of work for the dissertation work on the repercussions of the sickle cell trait in the lives of women of reproductive age in four regions of the state of Paraíba, in view of the changes imposed for the pandemic situation of the new coronavirus. It also reflects on how this whole context provided an opportunity for knowledge of new possibilities in the fieldwork of anthropology through the method of communication mediated by technology, since social isolation interrupted the visit to the field in person.

**KEYWORDS:**

Pandemic. Field. Technology. Sickle cell trait.



Início salientando quão difícil é concatenar e permanecer no campo das ideias, sobretudo, quando se refere a escrever alguma coisa concernente a minha pesquisa, que se dá no campo de uma das ciências humanas, a Antropologia. Neste sentido, discorro em breves linhas sobre minhas ansiedades, incertezas e alterações ocorridas no meu campo diante das mudanças impostas pela pandemia do novo coronavírus.

Minha pesquisa tem como objetivo compreender as repercussões do traço falciforme<sup>1</sup> (TF) na vida de mulheres em idade reprodutiva (19-49 anos), as imbricações em sua subjetividade, nas relações sociais, afetivas e familiares, no tocante à vivência/efetivação dos seus direitos reprodutivos. Busco identificar os cuidados recebidos pelo sistema de saúde, com vistas a desvelar o universo de ser mulher com TF na Paraíba.

Toda a minha dificuldade advém da situação mundial que estamos imbuídas. Um momento de uma complexidade imensurável que nos foi colocada com a pandemia. Sim, uma pandemia. Algo que antes já fora visto mundialmente, no entanto, estar inserida dentro de uma conjuntura pandêmica é algo que nunca fora imaginado por mim.

A situação do coronavírus no Brasil é desafiante, pois como se não bastasse enfrentar o vírus, temos também que enfrentar o mau gerenciamento das políticas públicas pelo atual governo. E como tudo está inter cruzado, nesse momento, a minha pesquisa, assim como a de outras pessoas, está tomando outros rumos.

No tocante ao campo de estudo, ao adentrar no mestrado no ano de 2019 e até o início do primeiro trimestre do ano de 2020, tudo estava nítido para a minha atuação. Seguindo as orientações de Stéphane Beaud e Florence Weber (2007), defini o tema, o campo de pesquisa e o método. Fiz um roteiro junto com a minha orientadora Ednalva Maciel Neves<sup>2</sup>, enviei o projeto para o Comitê de Ética em Pesquisa,

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma questão genética, ou seja, herdada de pais para filhos/as. Os pais sempre são os portadores de traço ou heterozigotos para S ou C ou beta talassemia ou tem a doença falciforme (DF). A situação mais comum verifica-se quando duas pessoas com traço falciforme – com padrão genético representado pela hemoglobina A (Hb A) associada à hemoglobina S (Hb S), e cuja representação universal é Hb AS – unem-se, constituindo uma prole (BRASIL, 2009, p. 5).

<sup>2</sup> De acordo com Neves (2018), “o trabalho de campo/etnografia está impregnado de questões éticas, filosóficas e políticas, em razão do “encontro com o Outro” resultando em inquietações acerca de como problematizar as experiências de mundo compartilhadas, ou o encontro de subjetividades que marca a pesquisa de campo” (p.455).



sendo o mesmo aprovado integralmente.

Concomitantemente ao processo de estudo sobre o campo, mapeei inicialmente quatro possíveis interlocutoras. O método pensado a princípio foi o *Snowball* (bola de neve)<sup>3</sup>. Do meu ponto de vista estava tudo pronto para iniciar no campo, até que em março, igualmente a outros estados, a Paraíba entra em isolamento social. Após isso, tudo mudou num campo de visão de 360 graus.

Naquele momento fomos obrigados(as) a seguir as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), já que o distanciamento social era/é apontado como a melhor prevenção para evitar a propagação. Tanto quanto outras instituições, a universidade parou e com ela várias possibilidades para a realização da pesquisa. Um baque!

A sensação com as primeiras informações sobre os possíveis impactos da covid-19 em nosso país fora de ter perdido o chão. Era como se uma grande onda tivesse me atingido, me derrubado e me engolido, levando-me sem nenhuma defesa. Deixando-me sem condições para pensar, e quando pensava em agir para dar impulso e emergir, novamente era arrastada pela força da mesma onda, que me levava sem que eu tivesse consciência para onde estava indo ou o que iria acontecer. Sensação que permanece.

Neste sentido, sem ter a noção do que estava por vir, resolvi entrar em contato novamente com as quatro mulheres. Mas, antes, fiz contato com a minha orientadora, que fez algumas considerações e reflexões críticas da situação e me indicou o livro *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura* (SEGATA; RIFIOTIS, 2016). De modo geral, esse livro apresenta um balanço da pesquisa etnográfica nos estudos da Cibercultura<sup>4</sup> e traz questionamentos analíticos por parte do Grupo de Pesquisas

---

<sup>3</sup> Uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014).

<sup>4</sup> Cibercultura é a cultura que surgiu, surge, ou está surgindo, a partir do uso da rede de computadores, e de outros suportes tecnológicos (como, por exemplo, o *smartphone*) através da comunicação virtual, a indústria do entretenimento e o comércio eletrônico, no qual se configura o presente. O prefixo ciber vem da palavra inglesa *cybernetics*. Disponível em: <<https://medium.com/dgtl-mente/o-que-%C3%A9-isso-cibercultura-ae405e7d6b2>> Acesso em: 24 abril 2020.



em Ciberantropologia *GrupCiber*<sup>5</sup>, tendo como anteparo teórico autores como Arturo Escobar e Bruno Latour.

Para os autores, mudanças significativas estão acontecendo atualmente, tanto na natureza da tecnologia, como na maneira como as entendemos. A informação computadorizada e as biotecnologias estão produzindo uma transformação fundamental na estrutura e no significado da cultura e da sociedade moderna (SEGATA; RIFIOTIS, 2016, p. 02). Isto foi o fechamento para entender que de fato, após tudo que estamos vivendo, as pessoas podem não ser mais como antes, e que, talvez, a antropologia da cibercultura seja algo que eu precise ter maior aprofundamento.

Neste percurso, fiz também a leitura de um texto sobre Netnografia (KOZINETTS, 2014), já que é citado por Segata e Rifiotis (2016), além do texto de Leitão e Gomes (2011) que me despertou ao trazer que “a antropologia da e na internet, a tecnologia digital é tanto o meio de transporte que executa a viagem quanto o ambiente no qual o campo acontece” (LEITÃO; GOMES, 2011, p. 04). Tais leituras mudariam todo o meu pensamento e caminho metodológico, fazendo-me optar agora pela comunicação mediada pela tecnologia.

A priori, havia pensado na atuação no campo como os(as) antropólogos(as) após a revolução malinowiskiana. Poder estar com as interlocutoras frente a frente, aguçar outros sentidos com suas narrativas e chegar ao êxtase da afetação, tão bem citada por Favret-Saada (2005), era um desejo...

Contudo, enchi-me de coragem e iniciei o campo meio sem graça e constrangida. E, mais uma vez, entrei em contato com as mulheres perguntando se elas aceitavam fazer a entrevista mediada pela tecnologia. Para minha surpresa, todas elas se disponibilizaram. E uma já quis marcar o dia e o horário mesmo não tendo um “bom” celular, nem uma boa conexão de internet. Foi aí que as dificuldades tecnológicas começaram a aparecer.

Dessa forma, como estratégia de aproximação foi pensado o *WhatsApp*<sup>6</sup>, já

---

<sup>5</sup> Trata-se de um grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Trata-se de um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

que com esse aplicativo pode-se fazer também chamadas de vídeo. Após esse primeiro contato, seguiríamos com a entrevista por celular e tudo seria gravado. Algumas orientações e acordos sobre o processo ético da entrevista foram repassados, bem como a necessidade do consentimento da interlocutora para o uso das informações coletadas. Seguiríamos um roteiro de uma entrevista semiestruturada.

Na data e horário marcados, fiz um contato por mensagem pelo *WhatsApp* e ela estava pronta. Fizemos tudo conforme combinado anteriormente. Fiz uma chamada de vídeo na qual nos vimos, trocamos algumas conversas, risadas e coloquei meu agradecimento e satisfação por ela ter aceitado o convite.

Partimos para entrevista, tudo fora feito no tempo dela. A interlocutora recebeu um nome fictício de Amina, tem 32 anos de idade, cursou ensino médio, foi trabalhadora doméstica aos 16 anos, permanecendo nessa profissão por 05 anos; ela se autodeclara de cor branca. A renda familiar é do Benefício de Prestação Continuada (BPC), já que ela tem dois filhos e uma filha e os três têm Anemia Falciforme.

A entrevista durou uma hora e vinte minutos e, ao contrário do que havia pensado, muitas emoções foram sentidas por nós duas. Escutei para além de suas palavras, e além de ter escutado o som de crianças e de bichos, o que me remeteu à sala, escutei o seu silêncio quebrando sua narrativa, como também a sua respiração em forma de sussurro indicava o peso de seus sentimentos.

Em outros momentos, pude sentir sua dor. Mas, como não sentir? Ao ouvir uma mulher mãe dizendo que

*“a vida é em função dos meninos. Se for preciso, eu e meu esposo, a gente não come. Eu já passei 24 horas sem dormir, sem comer. A vida da gente é assim, se eles estão bem, a gente tá bem, se eles tiver uma dorzinha na unha, pronto!”[...] Se eu pudesse tirava essa doença deles...[silêncio]”<sup>7</sup>.*

Naquele momento senti minha garganta travar e os olhos marejarem. Agradei por não estar perto fisicamente. Tive receio de estar me envolvendo, ou seja, de não estar sendo “neutra” na entrevista. Mas, como não se envolver, se diante de mim estava uma mulher cheia de dores?

Sobre o TF, Amina revelou que desde criança foi muito doente, “fraca”, que

---

<sup>7</sup> Este relato e os demais se tratam de informações verbais disponibilizadas por Amina em entrevista pessoal/acadêmica realizada no dia 22 de março de 2020.



sempre teve a hemoglobina baixa e sentia muitas dores nas articulações, principalmente ao tomar banho frio ou quando a temperatura de sua cidade caía. Algo que me chamou a atenção, já que o TF é tido como assintomático. Ela também revelou que não pensava muito em ser uma mulher com o TF:

*“Pensar, pensar, eu nunca parei para pensar não, porque assim, o médico diz... você tem sorte em ter três filhos com anemia falciforme, se eu fosse você eu jogava a Mega Sena. Eles dizem isso porque meus filhos tinham 50% de nascer normal, 25% de nascer com o traço e 25% com a anemia. Isso me deixa até triste, eu pensei tanta besteira que eu não quero pensar nisso não”.*

Em meio a uma narrativa de muitas dores, Amina expressa mais uma, a dor da culpa: *“Porque se eu fosse ‘normal’, meus filhos era ‘normal’ ou tinha o traço. [...] eu me sinto culpada porque assim, se eu tivesse casado com uma pessoa ‘normal’ e meu marido casado com uma pessoa ‘normal’, os filhos não tinham nascido com anemia né?”.* Um silêncio tomou nós duas por uns segundos que pareceram uma eternidade, até eu tomar o fôlego e prosseguir. Fechamos a entrevista com ela dizendo o quanto estava emocionada e agradecida por tudo. Não sabia Amina o quanto eu era quem estava mexida e grata pelo mágico momento, tendo passado horas para me recompor depois de tudo que fora vivenciado.

Por fim, tenho muito a aprofundar sobre o uso da tecnologia como mediação na pesquisa, mas para quem pensava que o campo só poderia ser olho no olho, esta experiência foi fundamental para ampliar a compreensão sobre outras possibilidades, outras formas de nos conectar e fazer campo na antropologia.

## REFERÊNCIAS

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para Pesquisa de Campo**: Produzir e analisar dados etnográficos. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. **Manual de saúde ocular em doença falciforme**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 28p. 2009. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/manual\\_saude\\_ocular\\_doenca\\_falciforme.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/manual_saude_ocular_doenca_falciforme.pdf). Acessado em: 2 maio 2020.

NEVES, Ednalva Maciel. Trajetória de pesquisa e tensões éticas: entre persistências e resistências. **Amazônica Revista de Antropologia**. (Online), v. 10, n. 2, p. 444 - 466, 2018.

SAADA, Favret, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p.155-161. p.2005.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziel. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. **Cronos: Revista Pós-Graduação em Ciências Sociais**. UFRN, Natal, v. 12, n.1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cultura**. Brasília: ABA Publicações, Joinville: Editora Letradágua, 2016.

SILVA. Márcia Costa Alves (Org.). **Democracia e gênero**: implantação de políticas públicas para mulheres. Rio de Janeiro: IBAM, SPM, 2015. Disponível em: [http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/3ago15\\_democracia\\_e\\_genero\\_implantacao\\_politicas\\_publicas\\_para\\_mulheres.pdf](http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/3ago15_democracia_e_genero_implantacao_politicas_publicas_para_mulheres.pdf) Acesso em: 20 de maio de 2020.

VINUTO, Julian. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p 203-220, ago./dez. 2014.

Recebido em: 30/05/2020.

Aceito para publicação em: 20/07/2020.

